

## INSCULTURAS RUPESTRES DO ALTO MINHO

(Lanhelas e carreco-Viana do Castelo, Portugal)

POR ABEL VIANA

### I Nota preambular

Os nove anos decorridos entre 1922 e 1931, em que residi nas freguesias de ~~Beiras~~ e Lanhelas, na margem do rio Minho, tendo em frente extenso panorama da Galiza, foram decisivos na deliberação por mim tomada, quanto a dedicarme particularmente aos estudos arqueológicos. O meu contacto com o reduzidíssimo e pouco comunicativo número de arqueólogos portugueses era escasso. Entregue a um puro autodidatismo, só as minhas relativamente frequentes relações epistolares e a troca de artigos impressos com Hugo Obermaier, o Conde de la Vega del Sella, Juan Cabré, Jesus Carballo e, sobretudo, com investigadores galegos, Juan Dominguez Fontela, Fermín Bouza-Brey, Manuel Fernández Costas, Federico Maciñeira Pardo de Lama, Xoaquin Lorenzo-Fernandez, Perez de Barradas e Florentino Cuevillas, prestaram o indirecto apoio científico ás febris jornadas que entao eu realizava por montes e vales do Alto Minho, onde os testemunhos arqueológicos de todas as épocas, absoluta ou practicamente inéditas, surgiam para onde quer que meus alvoroçados passos se dirigissem.

Foi, portanto a estes prestimosos e notáveis obreiros da arqueologia espanhola que devi, e durante longo tempo, as primeiras substanciosas informações sobre a arqueologia peninsular e também os primeiros incentivos sinceros, fraternos, úteis, verdadeiramente operantes.

Em 1929, Cuevillas, ao oferecer-me un exemplar de *Os Oestrimnios, os Saefes e a Ofiolatria en Galiza*, com várias notas marginais, de seu punho, dirigiu-me calorosa exortação para que eu prosseguisse em tal ramo de investigações.

Em razao da proximidade, as minhas visitas ao castro de Santa

Tecla foram frequentes, pelo que as relações pessoais com José Maria Lomba, Julian Lopes Garcia, Manuel Alvares Sanchos e outros se tornaram francamente amistosas, para o que não deixou de contribuir alguns pequenos achados meus naquela importante estação arqueológica, e a descoberta que ali fiz, em 2 de Maio de 1929, de uma espada do tipo de Hallstadt II (lamina de ferro e punho de bronze).

Diligenciava eu acompanhar quanto possível, do lado português, a intensa actividade investigatória desenvolvida do outro lado da raia, na qual dois ilustres portugueses tiveram também marcada intervenção—o Rev.<sup>do</sup> P.<sup>o</sup> Eugénio Jalhay e o Professor Joaquim Fontes.

Entre as numerosas descobertas que tive a felicidade de realizar, salientaram-se as de vários penedos insculturados da freguesia de Lanhelas, no concelho de Caminha, situados nas faldas setentrionais do Monte de Góios.

Além dessas gravuras rupestres, publiquei na revista «Portucale», Vol. II, pgs. 282 a 290 e 350 a 356 (Porto, 1929), o artigo intitulado *As insculturas rupestres de Lanhelas (Caminha, Alto Minho)*. Tal publicação, todavia, não me satisfaz, porquanto a excessiva redução de alguns desenhos fez desaparecer nas respectivas gravuras alguns pormenores importantes.

Em fins de 1931, indo residir para Carreço, no concelho de Viana do Castelo, novos rochedos insculturados fui ali encontrar, determinando-me então a fazer uma reedição do artigo de 1929, acrescentado com breve nota dos ulteriores achados.

A retirada para o Algarve, logo nos começos de 1933, e o exercício de funções oficiais que durante quatro anos me não consentiram qualquer outra ocupação, obrigaram-me a suspender tal desígnio, e só nos meados de 1937, quando já liberto do opressivo cargo, e por me chegar notícia de que, por motivo da reconstrução da estrada, em Carreço, se estavam dinamitando para brita muitos dos rochedos mais próximos daquela via, deliberei remeter ao Instituto Português de Arqueologia, História e Etnografia, por intermédio de seu presidente, o Prof. Manuel Heleno, a parte referente ás insculturas daquela localidade. Pretendia eu, com tal publicação, provocar possíveis pro-

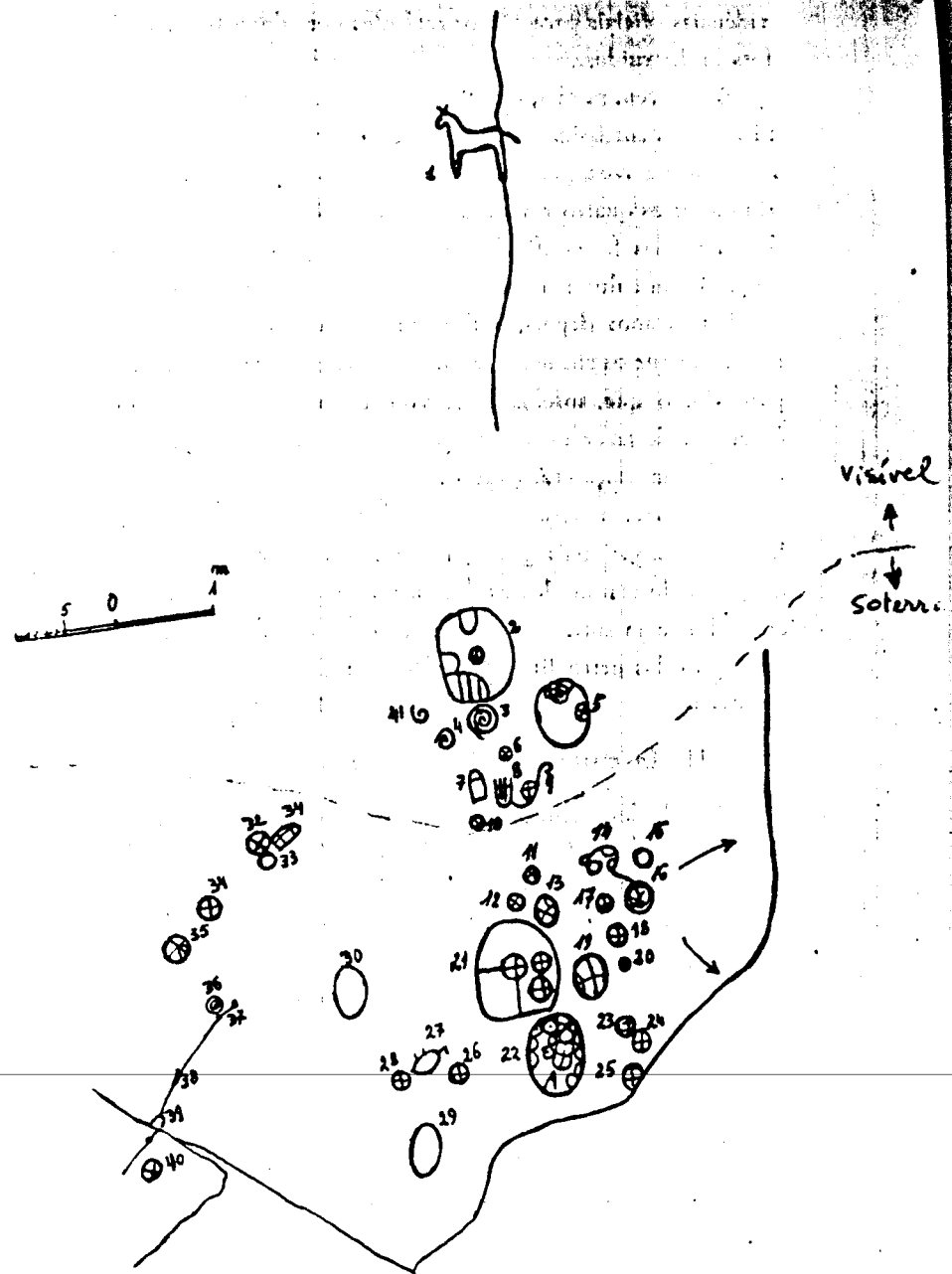


Fig. 1

vidências oficiais para que os rochedos portadores de petróglifos não fossem destruídos.

Aconteceu, porém, que dos cinco trabalhos que então enviei para Lisboa só a curtíssima nota acerca de um cemitério arcaico, possivelmente de escravos, por mim identificado em Loulé, saiu no 1.º vol. de «Ethnos»; os quatro restantes artigos, mais extensos, acompanhados de numerosas fotografias e desenhos, entre os quais o recomposto artigo das insculpturas rupestres, desapareceram para sempre.

Poucos anos depois, o Tenente Coronel Afonso do Paço prevenia-me de que os rochedos insculpturados de Carreço deviam ter desaparecido, o que, infelizmente, vim a verificar, quando ali fui na esperança de fazer uma revisão das minhas antigas observações e de obter documentação fotográfica.

Continuam a existir os de Lanhelas, mais importantes, com as figuras cada vez mais gastas, todavia, e sem protecção capaz de os preservar do ataque dos exploradores de pedreiras. Resta-me, pois, enquadrar com suficiente clareza, embora de modo resumido, o que a respeito dos petróglifos de Lanhelas e Carreço mais convém ficar arquivado.

## II Insculpturas rupestres de Lanhelas

Os rochedos graníticos de Lanhelas por mim observados são a *Laje das Fogacas*, a *Laje da Cha das Carvalheiras*, o *Penedo do Trinco* e um penedo da *Bouca Velha*.

a)—A *Laje das Fogacas* está situada á entrada da *Cha das Castanheiras*, assim denominada, dizem anciões da aldeia, por ter sido em antigos tempos plantada de castanheiros. O Sr. Coronel Mário Cardoso, em *Monumentos arqueológicos da Sociedade Martins Sarmiento*, pg. 132 (Guimaraes, 1950), fundamentado em uma nota de Martins Sarmiento, tomada em 1887, entendeu rectificar o topónimo por mim registado em 1929. Não vale a pena apresentar documentação; bastará inquirir directamente em Lanhelas: á enorme fraga insculpturada chamam *Laje das Fogacas* porque as figuras mais destacadas (Fig. 1, n.ºs 2, 5, 21 e 22) lembram o feitio de «fogacas», e o sítio onde a laje se encontra é a *Cha das Castanheiras*.

A laje ocupa um ponto entre os vários pavilhões de uma das importantes oficinas pirotécnicas daquela freguesia e, como é óbvio, ao contrário do que pessoa mal informada transmitiu ao Sr. Coronel Mário Cardoso, nenhum fogueteiro mora próximo dela. O sítio não se chama, portanto, da *Fogaca*, embora no registo da camara de *Caminha* se tenha escrito «sítio da *Fogaca*», no «lugar da *Boucinha*».



Fig. 2

Os meus desenhos de 1929 assinalam a existência, nesta laje, de quarenta e uma figuras, assim descritas (Vid. Fig. 1 e 4 a 9):

1—Cabra estilizada (0,90 x 0,97). A partir da inserção da cauda, há um sulco de 1,50 de comprimento. A distancia de 1,10, o mesmo sulco é interrompido por uma covinha (*fossette*) de 3 centímetros de diametro por 1 de profundidade. Da extremidade do membro posterior sai um outro sulco, agora bastante apagado.

2—Gravura quase rectangular (0,95 x 0,75), mostrando uma

divisão no alto e cinco ao canto inferior esquerdo; ao centro, um círculo seccionado por dois diâmetros cruzados. Estes «diâmetros» são propriamente linhas curvas, na maioria dos casos, á maneira de cruces inscritas em circunferências, e nesta figura medem 0, m 12.

3—Espiral *dextrorsum* (0, m 36 x 0, m 37).

4—Idem id. (0, m 20 x 0, m 17).

5—Gravura elíptica (0, m 68 x 0, m 58); vestígios de espiral *sinistrorsum* e de um círculo com diâmetros cruzados. Parece ter havido sobreposição de gravuras.

6—Círculo com diâmetros cruzados (0, m 18 x 0, m 16).

7—Inscultura formada por um rectângulo e por um semicírculo, sendo o diâmetro deste um dos lados menores daquele (0, m 34 x 0, m 18).

8—Esta gravura, pela forma, faz lembrar uma lira (0, m 24 x 0, m 16).

9—Em parte, pouco perceptível. Parece ligada á anterior. Bem nítidos os dois diâmetros cruzados de um círculo e uma linha curva em forma de gancho.

10—Círculo com diâmetros cruzados (0, m 10 x 0, m 10).

11—Idem id. (0, m 20 x 0, m 19); na intersecção dos diâmetros, uma covinha.

12—Inscultura semelhante á anterior (0, m 16 x 0, m 16).

13—Círculo bastante deformado; dois diâmetros e um raio (?) (0, m 26 x 0, m 23).

14—Gravura de forma esquisita, muito apagada, parece que ligada por um sulco á n.º 16.

15—Unicamente um círculo (0, m 18 x 0, m 18).

16—Dois círculos concentricos, o interior dividido por três diâmetros (0, m 30 x 0, m 28 e 0, m 21 x 0, m 19).

17—Círculo com diâmetros cruzados (0, m 17 x 0, m 17).

18—Idem id. (0, m 20 x 0, m 19).

19—Elipse, com os eixos maior e menor (0, m 47 x 0, m 37); inscritos na elipse, vestígios de outros sulcos.

20—Círculo com diâmetros cruzados (0, m 11 x 0, m 10). Esta

gravura, apesar de pequena, salienta-se, entre as de todo o grupo, pela profundidade do sulco.

(Obs.—As insculpturas desta parte da laje estavam cobertas de terra, o que as protegeu das intempéries. Além disso, como a inclinação da laje neste ponto é muito forte, não permite que as pessoas façam caminho por cima delas. Eis o motivo porque as figuras 19 a 30 e 37 a 40 estão mais conservadas do que as outras).

21—Elipse achatada num dos topos (1, m 05 x 0, m 82); ao centro um círculo com diâmetros cruzados (0, m 25 x 0, m 24), diâmetros que completam os semi-eixos da elipse. Tem mais dois círculos inscritos (0, m 19 x 0, m 18 e 0, m 21 x 0, m 20); o centro de cada círculo é bem marcado. Na parte superior desta figura mostram-se vestígios de outros sulcos.

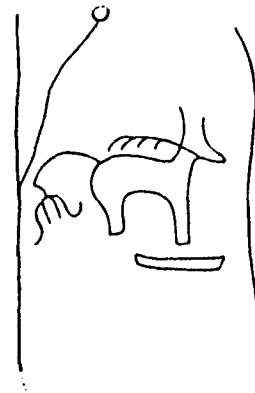


Fig. 3

22—Elipse (0, m 85 x 0, m 57). Esta insculptura é das mais curiosas. Toda a superfície da elipse está coberta de sulcos, largos e profundos, de modo que o todo da figura mostra um conjunto

de saliências circulares, quase circulares e aproximadamente rectangulares, em forte relevo.

Das 4 covinhas indicadas, três delas ocupam o centro de saliências de forma mamilar; a quarta foi produzida, ou profundada pela broca de um canteiro que pretendeu dinamitar mais esta porção da laje.

23—Círculo com um diâmetro cortado perpendicularmente por duas cordas (0, m 20 x 0, m 19).

24—Círculo com diâmetros cruzados (0, m 21 x 0, m 20).

25—Idem id. (0, m 22 x 0, m 21; desaparecida parcialmente, por destruição feita pelos canteiros.

26—Idem id. (0, m 20 x 0, m 16).

27—Gravura mal definida, por intenso desgaste.

28—Círculo com diâmetros cruzados (0, m 18 x 0, m 17).

29—Gravura aproximadamente oval (0, m 50 x 0, m 42).

30—Gravura aproximadamente elíptica (0,m 54 x 0,m 39).  
 31—Gravura semelhante á n.º 7, mas dividida por três linhas,  
 uma no sentido do comprimento e duas perpendiculares á primeira  
 (0,m 31 x 0,m 18).

32—Círculo com diâmetros cruzados (0,m 22 x 0,m 22).

33—Círculo simples (0,m 17 x 0,m 17).

34—Círculo com diâmetros cruzados  
 (0,m 24 x 0,m 23).

35—Círculo muito deformado, com  
 dois diâmetros e dois raios, um destes  
 pouco nítido (0,m 34 x 0,m 29).

36—A laje forma aqui uma pequena  
 saliência de feição mamilar. Sobre esta  
 saliência, estão gravados três círculos con-  
 cêntricos, medindo os respectivos dia-  
 metros: 0,m 24; 0,m 13; 0,m 06 (Fig. 11,  
 n.º 36).

37—Duas covinhas ligadas por um  
 largo sulco, distanciadas 0,m 22 uma da  
 outra. Diâmetro das covinhas: 0,m 10 x  
 0,m 083. Largura do sulco—0,m 03.

38—O sulco anterior deixa a segunda  
 covinha, estreitando-se um pouco, vai até  
 o círculo que a seguir se descreve, que lhe  
 fica á distancia de 1,m 45; atravessa um

pequeno rectângulo (este rectângulo, muito regular, é como que um  
 alargamento do próprio sulco), entrando-lhe pelo canto superior  
 direito e saindo pelo canto inferior esquerdo. O rectângulo mede  
 0,m 15 por 0,m 06 e tem profundidade igual á do sulco.

39—Círculo atravessado pelo mesmo sulco, destruído em parte  
 pelos tiros de pólvora pedreira que destroçaram este pedaço da laje.  
 O sulco continua-se no bloco que o tiro fez separar da laje, havendo  
 no seu percurso uma covinha idêntica ás anteriormente descritas.



Fig. 4

40—Círculo com diâmetros cruzados (0,m 20 x 0,m 20).

41—Espiral *sinistrorsum* (0,m 14 x 0,m 11).

A laje mede presentemente 16 metros de N. a S. e o mesmo de  
 E. a W., descendo em rampa muito forte para Oeste e Sul. O ponto  
 mais alto fica 5 a 5 metros e meio acima da base ou ponto mais baixo.  
 A figura do caprino (Fig. 1, n.º 1 e n.º 5) está á distancia de 4 metros  
 do ponto mais elevado da laje, portanto a 12 metros da base, apro-  
 ximadamente. A parte da laje compreendida entre a insculptura n.º 24

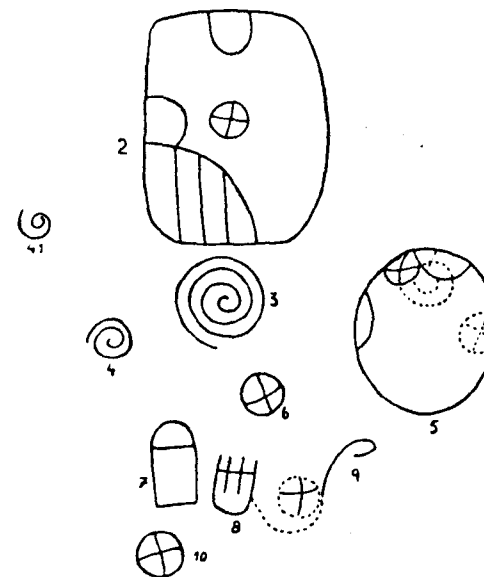


Fig. 5

e a n.º 29 foi cortada pelos montantes, certamente quando construíram  
 os pavilhões das oficinas de pirotecnia. É o lado para onde a super-  
 fície da laje mais se inclina, o que na Fig. 1 deixo indicado pelas  
 setas.

O povo, que na maioria dos petróglifos que ainda aqui existem  
 julga ver fogaças, grelhas e certas, diz que a parte destruída da laje  
 era a que continha maior quantidade de figuras, sobretudo de «bichos»:  
 «raposas» e «leões». Há quem tome os caprinos e os veados por  
 cabras e leões, entendendo outros que são lobos, ou cavalos.

b—A *Laje da Cha das Carvalheiras* jaz a uma centena de metros da *Laje das Fogaças*. Contém outro grupo formado por três petróglifos a curta distancia uns dos outros (Fig. 2): N.º 1—Grupo de 8 covinhas, com os seguintes diâmetros (Fig. 10, n.º 2), em milímetros—40, 50, 45, 55, 50, 60, 42 e 50, em *a, b, c, d, e, f, h*, respectivamente: profundidade—entre 15 e 20 milímetros. N.º 2—Gravura zoomorfica

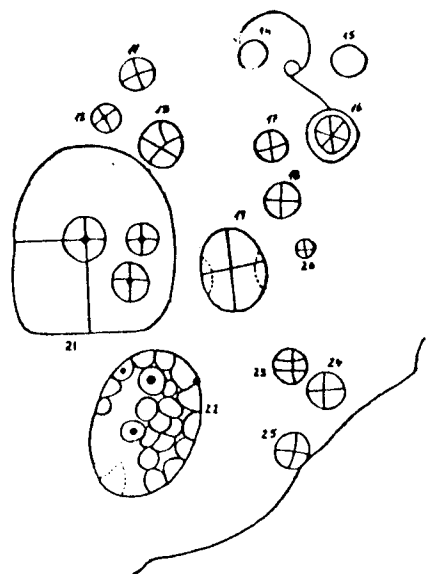


Fig. 6

(0,m 72 x 0,m 57)—uma cabra, ou talvez um veado, como o parece indicar o sulco ramificado que, partindo do pescoço, se encurva para o dorso do animal figurado. A singular posição do que se me afigura um galho do veado creio explicar-se pela imperícia do inscultor. Também curioso e enigmático isso que parece pender da extremidade da cauda. N.º 3—Outro petróglifo zoomórfico (Fig. 10, n.º 1), com 0,m 56 x 0,m 50, o qual representará um cavalo (?) ou uma corça (?).

c)—O *Penedo do Trinco*, ou *Pedra Picadeira*, está situado na vertente meridional do Monte de Góios, junto ao limite da freguesia de Lanhelas com a de Vilar de Mouros, ao lado de um caminho irregular que horizontalmente corre pela encosta.

Aí havia dois rochedos insculturados cujas figuras dominantes eram de estilo muito diverso das que se observam nos locais anteriores. Assim, um dos rochedos, o da esquerda (Vid. *Portucale*, Vol. II, pg. 351, Fig. 5), com 1,m 70 de comprido por 1,m 30 de largura e 0,m 90 de altura, de forma grosseiramente arredondada, mostrava um só petróglifo, aqui reproduzido na Fig. 10, n.º 3, com

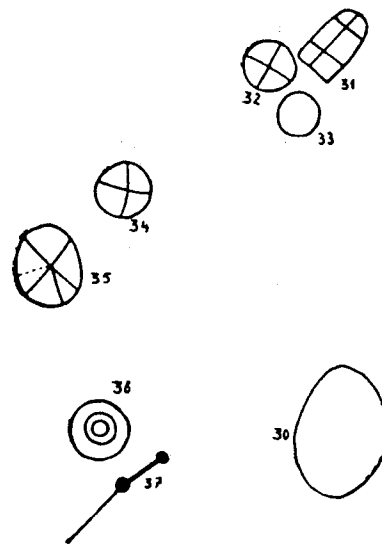


Fig. 7

as seguintes dimensões: altura total—0,m 24; diâmetro da cova circular da extremidade superior—0,m 07; profundidade do sulco que forma o resto da figura—0,m 02.

No outro penedo, á direita do primeiro, de forma idéntica á do anterior e com 1,m 60 de comprimento, 1,m 30 de largura e 0,m 90 de altura, há, ou havia, o seguinte grupo de insculturas (Fig. 10, n.º 9).

- a). Círculo com uma cruz inscrita; diâmetros—0,m 18 x 0,m 17.
  - b). Cruz; 0,m 10 x 0,m 10.
  - c). Cruz bipartida; altura—0,m 52.
  - d). Covinha; diâmetro—0,m 025; profundidade—0,m 01.
- Observem-se os seguintes na mesma Fig. 10, n.º 9-a.

e). Linha recta, com 0,m 18 de comprimento. f). Linha curva, com 0,m 20 de comprimento. g). Cruz interceptada na parte inferior pelos dois ramos de uma figura em forma de U deitado; altura—0,m 28. h). Linha recta com 0,m 14 de comprimento. i). Linha levemente encurvada; comprimento—0,m 12.

Entre estes dois penedos medeia a distancia de 1,m 80, e junta á base do da esquerda, isto é, do que primeiro mencionei, na laje em

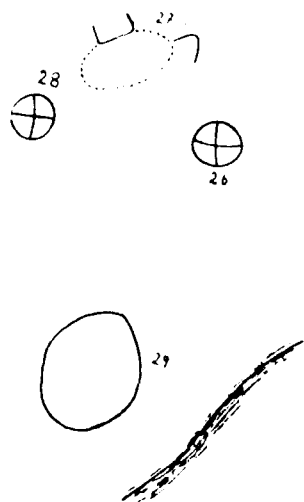


Fig. 8

que os dois penedos se alteiam, acham-se, separadas por 0,m 15 e por 0,m 20 entre os cantos superiores e entre os cantos inferiores, respectivamente, as duas insculpturas que apresento na Fig. 10, n.º 6 e 8. Trata-se, conforme se vé, de duas figuras quadrangulares, uma e outra subdivididas em compartimentos igualmente quadrangulares, ora pendendo para rectangulos, ora ligeiramente trapezoidais.

É o segundo destes penedos, ou seja, o da direita, que se designa por Penedo do Trinco, ou Pedra Trincaadeira, e a razao do nome e o

facto, dizem, de soar de maneira particular, quando percutido com pau, pedra, ferro ou simplesmente com a mao. Soa como um sino, afirmam pessoas dali.

«Trincar», no linguajar das gentes de Seixas e Lanhelas é percutir com os nós dos dedos qualquer recipiente, a fim de, pelo som obtido, verificar se está perfeito, isto é, se não está rachado ou fendido, o que quase sempre escapa ao exame visual.

Por outro lado, «picar», em outras aldeias do Alto Minho, é dar badaladas no sino, estando este parado, ou seja, sem «dobrar», sem oscilar ou voltear sobre seu eixo.

Aí está, pois, o motivo de se chamar assim o tal penedo, o qual,

em verdade se diga, percutido por mim, e de várias maneiras, não me deu mais que o som cavo obtido de qualquer outro ali em roda.

O facto de lhe baterem com pedras e ferros originou a profunda deterioração das insculpturas.

d)—A *Bouca Velha* fica no outeiro em que se ergue a capela de Sao Martinho, sobranceiro á estrada de Viana do Castelo a Valença. Nela se encontra o rochedo, segundo creio inominado e despercebido dos habitantes de Lanhelas. No citado artigo de *Portucale*, apresentei

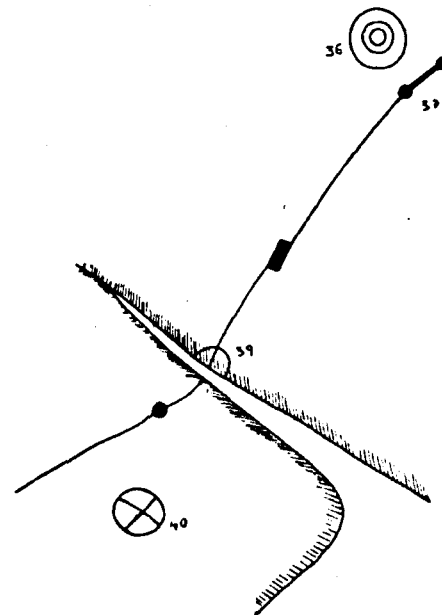


Fig. 9

em desenho sua configuração. Trata-se de mais um bloco granítico cuja face superior apresenta duas vertentes de superfícies aproximadamente iguais, sendo uma delas bastante côncava e a outra ligeiramente convexa.

Na parte côncava vemos, já muito apagados, e decerto, com excepção de uma, incompletos, os seguintes petróglifos: a) Quatro círculos concêntricos, cujos diâmetros são: 0,m 39 x 0,m 37; 0,m 27

x 0,25; 0,20 x 0,18; 0,10 x 0,09. (Fig. 10, n.º 4). b) Duas figuras de que só se reconhecem com nitidez alguns traços (Fig. 10, n.º 5); c). Uma insculptura de forma aproximadamente elíptica, de 0,43 x 0,39, e dentro dela vestígios de outra, provavelmente uma espiral (Fig. 10, n.º 7).

Na parte convexa há o petróglifo representado na Fig. 10, n.º 10: altura—0,65; diâmetros da cova superior—0,10 x 0,12;

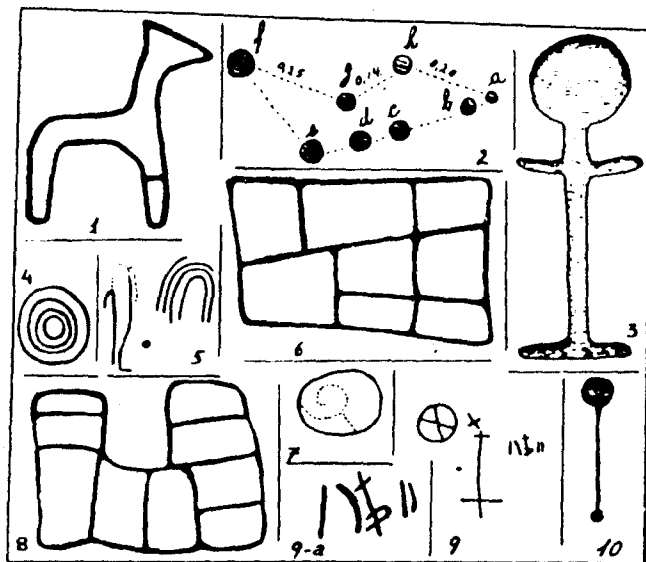


Fig. 10

profundidade, absolutamente uniforme, de 0,02. A cova inferior foi profundada por um pedreiro que ali tentou preparar um barreno. Tem 0,20 de profundidade.

Quase na crista da rocha, há uma cruz. Ve-se bem que foi feita em tempo recente, a cinzel ou que talvez ali tivesse existido outro que o pedreiro aprofundou.

### III Petróglifos de Carreco

Em Agosto de 1931, tendo eu conhecimento de que se estava intensificando a demolição dos pitorescos afloramentos graníticos mais

ou menos próximos da estrada, entre o limite meridional do caserio de Carreço e o lugar de Troviscoso, componente da mesma freguesia,

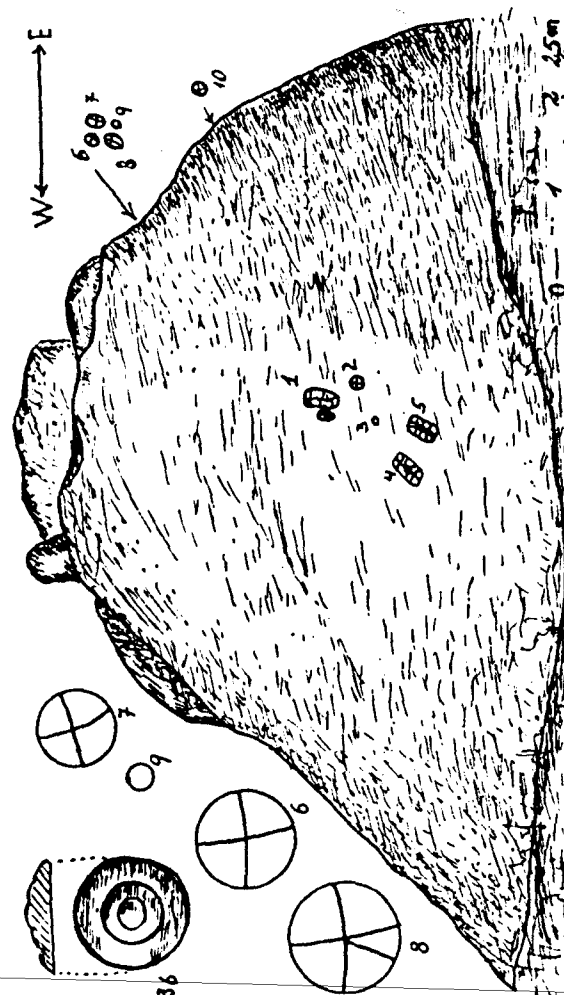


Fig. 11

efectuei um reconhecimento por aqueles sítios, a fim de averiguar da existência de rochedos insculptados.

Não me enganei nas previsões, e penso que mais frutuosa teria sido a busca se me houvera antecipado aos exploradores de pedreiras.



Naquela data, com efeito, os tiros estouravam aqui e além, estilhaçando centenas de toneladas de penhascos. Quase sempre os penedos que os montantes preferem são precisamente os que, por seu especial interesse arqueológico ou por seu quilate como elemento paisagístico, mais conviria conservar intactos.

Sirva de exemplo o que se passou com o curioso *Penedo do Raio*, em Praia de Ancora. A troco de quantia insignificante (quinhentos escudos), a delegação marítima consentiu que ele fosse dinamitado e reduzido a cascalho. Vendeu-o a um empreiteiro de estradas. Era um gigantesco bloco de granito, fendido de alto a baixo, isolado na orla da praia, rente aos campos de milho, da estreita veiga beira-mar.

O povo dizia que tinha sido aberto por um raio, mas também lhe chamava *Penedo Frachado* (fréchado?). Não tinha interesse arqueológico, mas era exemplar curioso e estimável para o geólogo e, em geral, para o visitante daquela estância turística.

Rui de Serpa Pinto apresenta uma boa fotografia do *Penedo do Raio*, visto do lado do Sul, em seu trabalho «O Asturiense em Portugal», Est.<sup>a</sup> II, Fig. 2. Entre os dois blocos cortados como que á faca, e separados paralelamente, deixando passar no intervalo um caminho de carro, havia mais de dois metros de distancia. O conjunto, embora bastante menos vultuoso, era idêntico aos dois rochedos da freguesia das Talhadas, na serra das Talhadas, Sever do Vouga, conhecidos por Irmaos das Talhadas, os quais aguardam empreiteiro de estradas (e é que uma estrada passa entre eles) ou engenheiro de obras públicas que entenda pulverizá-los, a bem do progresso... e da técnica.

Nenhum destes dois rochedos insculturados que descobri em Carreço um deles no sítio do *Figueiral*, logo no começo da extrema setentrional do lugar de Troviscoso, e o outro a curta distancia, mais para o Sul, tem designação especial. Nem os vizinhos do local, nem o próprio donodo quintalzinho onde um deles fica tinham notado a existência dos petróglifos. Muito se admiraram quando lhos fiz observar, e muito mais quando, a giz, salientei a sua configuração. Effectivamente, as insculturas não estavam bem nítidas, ou perceptíveis ao simples relance da vista. Não porque os traços estivessem demasiado

delidos, mas porque, sendo de grao grosso o granito do rochedo, esse facto e o tom muito claro da pedra fazem com que os sulcos, aliás bem fundos em muitas das insculturas (uns dois centímetros), apenas se tornavam perceptíveis ao observador que as olhasse sob certa incidência de luz.

As da outra laje passavam mais despercebidas, por causa do desgaste da pedra e, sobretudo, pela quantidade de líquenes que a cobria.

A Fig. 11 mostra a configuração que o enorme penedo do Fi-

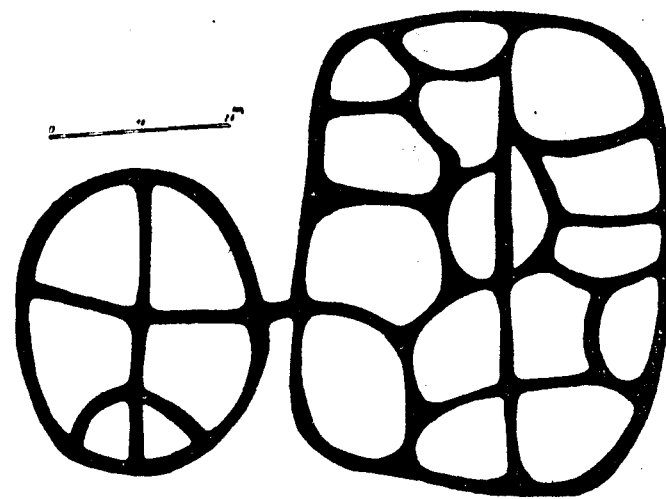


Fig. 11

gueiral apresentava visto do Sul. O avultado cabeça media uma dezena de metros de comprimento por cerca de cinco e meio de altura no ponto mais elevado, e era arredondado pelos lados de Nascente, Sul e Poente, lados em que se encontravam insculturados os petróglifos. A largura regulava pelo comprimento. Da parte de Nordeste já havia sofrido um corte.

A curta distancia para o Sul estava o outro rochedo. Era uma grande laje fortemente inclinada de Norte para Sul, na qual se lobrigavam algumas insculturas bastante apagadas devido ao desgaste ocasionado pelo rapazio das vizinhanças, que sobre a laje costumavam

deixar-se escorregar, sentados em pequenas pedras e latas velhas.

Os desenhos dos petróglifos deste segundo rochedo perderam-se com o artigo em 1937 remitido ao Instituto Português de Arqueologia, História e Etnografia, assim como também se perderam os apontamentos originais e até o próprio penedo.

Do primeiro, já em 1946 o Coronel Afonso do Paço me havia comunicado terem sido destruídos os petróglifos. Quando, em 1957, tornei a Carreço, na esperança de novo exame das insculpturas e de as poder fotografar—o que nunca antes pudera fazer—, verifiquei ter o cabeço granítico sido destruído precisamente nas faces em que os petróglifos estavam gravados, a fim de obterem pedra para a construção da casa agora existente ao lado do que resta do rochedo.

O outro afloramento foi também rudemente desbastado, perdendo-se igualmente as figuras nele insculpidas, não restando possibilidade de reconstituição mesmo em simples desenho.

Recordo-me, todavia, de se tratar de uma combinação de grandes sulcos lineares, como os que aparecem na Cha das Castanheiras e na Cha das Carvalheiras, do mesmo modo ligados a covinhas, e também a uma grande composição quadrangular, reticulada. Nesta laje não havia círculos, nem cruces, nem circunferências concêntricas; destacavam-se nela uma espiral e sulcos muito extensos, mais ou menos sinuosos, que não definiam figuras reconhecíveis.

As insculpturas do primeiro eram conforme passo a enumerar.

A Fig. 11 mostra sua distribuição na superfície da pedra. Quase a meio da face meridional situava-se um grupo de cinco petróglifos.

1 (Fig. 12)—Eram propriamente duas figuras ligadas, a mais pequena á esquerda, de forma elíptica, contendo um signo cruciforme, antropomorfo, e a da direita, aproximadamente rectangular, de cantos arredondados e com o interior dividido em 16 compartimentos, os dois mais centrais ligados de modo a parecerem um só compartimento circular, dividido de alto a baixo. A figura da esquerda mede 0,m 343 de altura por 0,m 274 de largura; a da direita 0,m 540 x 0,m 420. De modo que o grupo tem, com o pequenino segmento de ligação, um pouquinho mais de 0,m 700 de largura.

2 (Fig. 15, sup. esqu.º)—Círculo com diâmetros cruzados.  
0,m 254 x 0,m 295.

3 (Fig. 15, sup. dir.º)—Pequenino círculo, de 0,m 100 x 0,m 103.

4 (Fig. 13)—Grande insculptura rectangular, de cantos arredondados, muito semelhante á maior do grupo assinalado sob o n.º 1. Tal como ela, estava dividida em 16 compartimentos, com idêntica

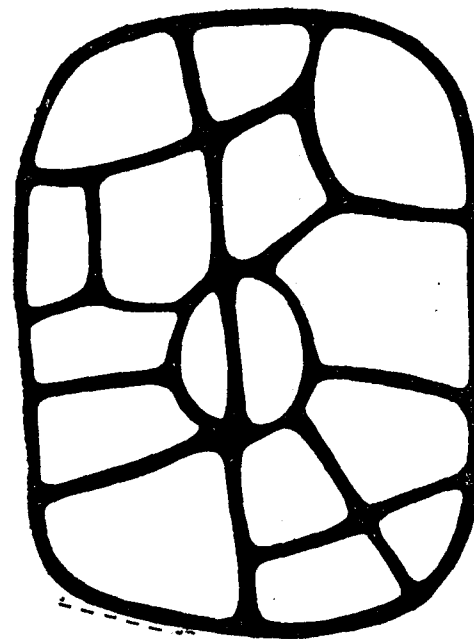


Fig. 13

disposição. É evidente que o insculptor quis representar a mesma coisa. Alt.—0,m 550; larg.—0,m 407.

5 (Fig. 14)—Outra insculptura grande, a maior de todas, grosseiramente elíptica, dividida em 12 compartimentos dispostos em filas sobrepostas, de três compartimentos cada. Alt.—0,m 617; larg.—0,m 395.

Este grupo ocupa a superfície mais inclinada da rocha, principalmente a indicada pelo n.º 2.

Próximo do cimo, na face do Nascente, que era quase a prumo,

o que bastante dificultava seu exame, havia outro grupo formado por cinco insculpturas:

6 (Figs. 11 e 15, inf. direito)—Círculos com diâmetros cruzados. 0, m 220 x 0, m 245.

7 (Fig. 11)—Círculo com diâmetros cruzados. Perdeu-se o apontamento das medidas.

8 (Fig. 11)—Círculo com diâmetros cruzados e um raio no quadrante inf. esq.º).

9 Pequena circunferência idêntica à n.º 3.

10 (Fig. 11, inf. esq.º)—Círculo com diâmetros cruzados; 0, m 180 x 0, m 200.

#### IV—Conclusões

Nos dois primeiros grupos de Lanhelas, salienta-se a presença dos caprinos e cervídeos, ao passo que em todos os demais aqui mencionados não aparecem figuras zoomórficas—ou, pelo menos que o pareçam.

No Penedo do Trinco há uma figura antropomorfa bem clara, de um tipo que se não repete quer nas lajes de Lanhelas quer nas de Carreço.

No grupo maior desta última localidade, salientam-se as grandes figuras grosseiramente elipsoidais, mais irregularmente compartimentadas as de Lanhelas.

Julgo seria forçada a equiparação destas figuras com os *labirintos*, frequentes na Galiza.

Cabras e cervos abundam também a norte do Rio Minho, conforme se pode ver nomeadamente no *Corpus petroglyphorum gallaeciae*, de R. Sobrino Buhigas: Laxe da Rotea de Mende, Outeiro do Cogolludo, Laxe da Forneiriña, Padra da Bullosa, Pedra das Ferraduras, Chan de Balbóia, Coto do Rapadoiro, Laxe da Portela de Rozas Vellas, Coto da Casa Velha, Laxe dos Cebros, Laxe do Cuco, Laxe da Portela da Cruz, Laxe das Coutadas, Laxe das Lebres, Laxe do Xugo, Torre de Meadelos, etc., por As Fragas, Fentáns, San Jorge e Santa Maria de Sacos, Montecelo, Carril e outras localidades ou locais.

Os círculos concêntricos, regista-os o *Corpus* na Laxe do Coto de Braña, Laxe do Cuco, Laxe da Portela da Cruz, Laxe das Coutadas, Penedo do Mato do Fondo, Outeiro do Mato de Cruces, Outeiro da Mina, Outeiro dos Carballiños, etc.

Há nas insculpturas rupestres do Alto Minho por mim descritas diferenças de técnica, quer na largura e profundidade dos sulcos, quer

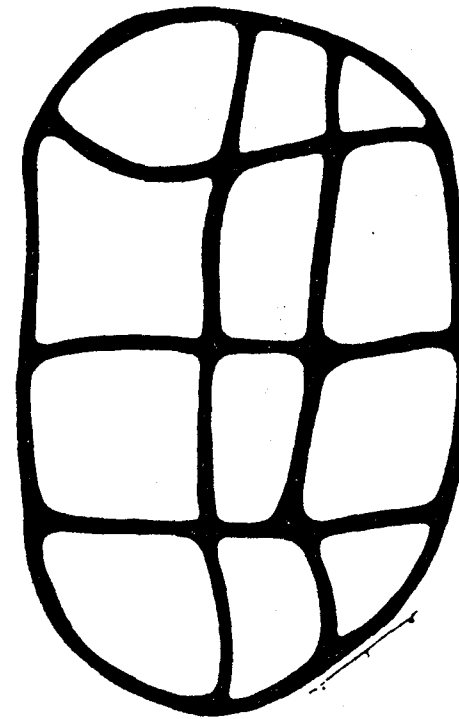


Fig. 14

na orientação dada às figuras insculpidas, quer no modo de agrupamento das figuras, o que tudo isto dá aso à suposição de pertencem a diferentes épocas, diferenças que se notam nas insculpturas de grupos que ficam próximos uns dos outros, mesmo á beira, e até em insculpturas que parecem fazer parte do mesmo conjunto petroglífico.

Embora gravadas na mesma laje, ou penedo, as figuras aparecem distribuídas em grupos distintos, não se podendo dizer que tal dis-

posição fosse imposta pela natureza ou estado da superfície da rocha, porquanto algumas vezes as insculpturas foram lavradas nos pontos em que a superfície da pedra mostra um grau mais grosseiro e é mais acidentada, ou regular, ao passo que nos espaços intermédios, bem lisos e prestando-se melhor ao trabalho do insculpidor, se mostram absolutamente desprovidos delas.

É de notar que, em cada um destes grupos, as figuras apresentam seus eixos paralelamente, ou quase, uns com os outros.

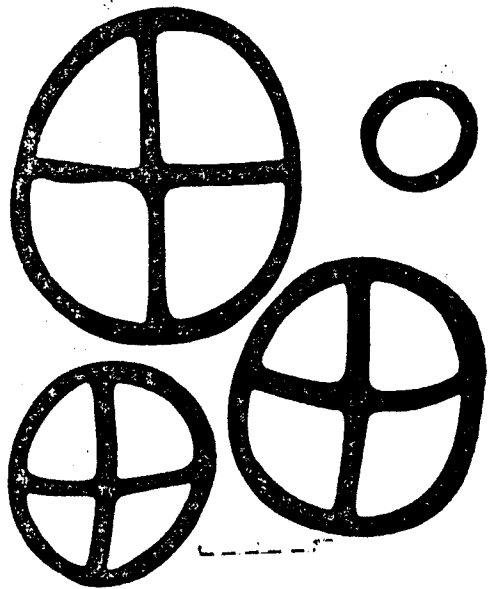


Fig. 15

Tem-se falado no culto da serpente, ligando-se a ele a espiral insculpturada. A espiral, nos grupos petroglíficos de Lanhelas e Carreço, também está presente, mas em proporção diminuta, em relação aos outros tipos de figuras. Em Lanhelas registam-se 3 na Laje das Fogaças (duas *dextrorsum*, uma *sinistrorsum* e vestígios de outra) e vestígios de uma na Bouça Velha. Nesta última e naquela que, na Laje das Fogaças também mostra apenas vestígios, há sobreposição de insculpturas, sendo as espirais as mais antigas. Em Carreço havia somente uma.

O sulco, nestas espirais por mim directamente observadas, é mais fino, ou seja, menos largo e menos profundo que o das outras insculpturas.

As cabras (ou talvez uma cabra e uma corça) e o veado (?) das lajes de Lanhelas são figuras mais próximas do realismo que da estilização.

As figuras mais vincadas, de traço mais largo e profundo, são os simples círculos, mesmo quando muito pequenos, como os de Carreço, os círculo e as elipses com a cruz inscrita, eixos ou diâmetros cruzados, com o braço inferior por vezes bipartido.

Nos dois penedos de Carreço as figuras do primeiro cabeço, no Figueiral, pertenciam à categoria das de sulco largo e profundo, não aparecendo nelas a espiral; entre as figuras do outro penedo aparecia a espiral, sendo de sulco estreito e pouco profundo todo o mais trabalho de insculpturação.

No mundo de hipóteses e suposições em que se obscurecem o significado destes petroglíficos, as causas que os determinaram e fins para que serviram, julgo não ser ainda possível assentar com segurança qualquer coisa-se é que alguma vez se poderá proferir juízo definitivo.

Há figuras que, embora mais ou menos estilizadas ou esquematizadas, se identificam perfeitamente: quadrúpedes (cabras, corças, veados, bois isolados ou jungidos ao carro), serpentes, espadas, punhais, escudos, figuras humanas, quase sempre isoladas mas algumas vezes nitidamente agrupadas.

Os grades petroglíficos escutiformes, com o interior mais ou menos compartimentado, lembram representações topográficas, de terrenos e aldeamentos.

E aí ficam estas singelas notas, como homenagem muito modesta ao belo e alto espírito de Florentino Cuevillas, insigne prefacionador do *Corpus* de Sobrino Buhigas, cuja memória em especial a Galiza, e não menos o Minho, tem o dever de preitar.